

AS REPRESENTAÇÕES DA MORTE NOS POEMAS DE HOMERO E NO ORFISMO

REPRESENTATIONS OF DEATH IN HOMER AND IN THE ORPHISM

ISABELA FERNANDES*
CAROLINE PEREIRA MIRANDA**

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir sobre as representações da morte e do destino da alma humana – a *psychê* – na Grécia Antiga, com foco nos poemas de Homero e na seita do Orfismo. A reflexão foi desenvolvida a partir de um estudo comparativo da escatologia grega tradicional, veiculada pelas narrativas da *Iliada* e da *Odisseia*, elaboradas por volta do séc. VIII a.C., e as crenças posteriores do Orfismo, que surgem por volta do séc. V a.C. O estudo comparativo teve como principal objetivo compreender a diferença entre a concepção de alma representada nos textos homéricos e a concepção de alma representada no Orfismo.

Palavras-chave: Grécia antiga; Homero; Escatologia; Orfismo.

Abstract: This article discusses representations of the death and fate of the human soul - the *psychê* - in Ancient Greece, focusing on Homer's poems and on the sect of Orphism. The reflections that follow are based on a comparative study of traditional Greek eschatology as presented in the narratives of the *Iliad* and the *Odyssey* (elaborated around the 8th century BC) and of the later beliefs of Orphism (appearing around the 5th century BC). The main objective of this comparative study is to understand the difference between the conceptions of soul presented in the Homeric texts and the conception of soul presented in Orphism.

Keywords: Ancient Greece; Homer; Eschatology; Orphism.

O presente artigo pretende discutir as representações da morte e as concepções escatológicas na Grécia Antiga com foco em alguns cantos de Homero e nas crenças religiosas relacionadas ao Orfismo. Na escatologia grega mais arcaica e tradicional apresentada na *Iliada* e na *Odisseia*, a morte é compreendida como o fim definitivo da vida humana: a alma – a *psychê* –, após a morte, desce ao Hades como uma sombra inconsciente, sem

* Professora do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil). Email: isafel@imagelink.com.br

** Graduanda do Departamento de Letras da PUC-Rio e pesquisadora de IC com financiamento da FAPERJ em 2017. Email: carolinepmiranda@icloud.com

possibilidade de renascimento ou salvação. Por volta dos séculos VI ou V a.C. surge na Grécia algumas crenças religiosas inspiradas na trajetória do poeta mítico Orfeu. Este movimento de crenças, embora jamais tenha se unificado em uma religião definida e sistematizada, se estabelece na Grécia como uma seita marginal divergente da religião olímpica oficial. O Orfismo traz a ideia de que a alma é imortal e que, após a morte, ela desce às trevas do Hades apenas por um breve tempo para depois reencarnar em outro corpo vivo. O objetivo deste artigo é elaborar algumas reflexões em torno destas duas visões escatológicas distintas, tentando explorar seus significados e traçar possíveis diferenças entre estes dois modelos gregos de compreensão da morte e da alma humana.

A ESCATOLOGIA TRADICIONAL REPRESENTADA NOS POEMAS DE HOMERO

Na escatologia grega da época arcaica (séc. VIII a.C.- séc. VI a.C.), tal como esta é representada na *Ilíada* e na *Odisseia*, não existe a ideia de renascimento ou da salvação da alma humana após a morte. A morte, nos poemas de Homero, não significa uma passagem transitória pelas trevas com expectativas de um possível renascimento, nem tampouco está relacionada a um destino individual de redenção ou punição da alma no além. A *psychê* dos homens, na escatologia homérica, voa para fora do corpo dos vivos, na hora da morte, sob a forma de um fantasma inconsciente e despersonalizado que desce para o Hades¹.

Segundo Brandão (1991), até o século VI a.C. a *psychê* para os gregos era concebida como uma sombra abúlica do corpo, sem memória e sem inteligência. Quando o homem morre, a alma voa para fora do corpo e abandona os dois órgãos vitais que lhe conferiam vida e força: *thymós* - o espírito, o ânimo - e *phrênes* - a inteligência. Depois da morte, a *psychê* dos homens se torna uma imagem vazia, sem vontade, sem substância e sem consciência. A alma assim volátil como um sonho desce ao Hades e fica aprisionada para sempre sem jamais renascer.

Como pode ser observado no canto XI da *Odisseia*, as almas, quando deixam o corpo vivo, não possuem memória nem consciência, como também não

¹ Uma importante exceção é a referência aos Campos Elísios no canto IV da *Odisseia*, e a referência à elevação do herói Hércules ao Olimpo no canto XI também da *Odisseia*. Esta questão foi desenvolvida em Brandão (1991) e em nosso artigo “As representações da morte na tragédia *Alceste*, de Eurípides” (FERNANDES, 2012).

alcançam nenhum tipo de imortalidade. O canto XI descreve como Odisseus se aproxima do mundo dos mortos cavando um imenso buraco e invocando as almas dos heróis e do adivinho tebanos Tirésias. Estas almas aparecem para Odisseus como imagens pálidas de seus corpos quando vivos, porém sem força, consistência ou consciência. Odisseus teve que executar libações e ritos em honra das almas para acordá-las temporariamente e poder conversar com elas. Se ele não executasse estes ritos as almas permaneceriam inconscientes. Sobre o buraco cavado ele derrama libações de mel, vinho, água e farinha, assim como o sangue escuro de duas ovelhas negras sacrificadas. Ao beber o sangue, as almas recuperam por breve tempo a sua consciência. Por isso Odisseus consegue conversar brevemente com sua mãe, Anticléia. O fantasma da mãe de Odisseus, subitamente desperto pelo sangue da vítima animal, revela ao filho que a alma, quando chega ao Hades, se desfaz e se dissolve como uma imagem irreal:

Filhinho, deplorável entre deploráveis, não sou ilusão de Perséfone, filha de Zeus. A lei que rege os mortais determina que os tendões soltem a carne e os ossos dos que expiram. A força ardente do fogo reduz o corpo a cinzas. Quando a vida se retira da óssea brancura também a psique bate leves asas e se dissolve como um sonho. (HOMERO, *Odisseia*, XI, 216-222)

Este episódio testemunha a visão de uma *psychê* que, após a morte, se torna uma imagem sem substância e vazia, não apenas vazia de inteligência e vontade, mas de matéria também. De fato, quando Odisseus, cheio de pesar e saudades, lança-se em direção à sua mãe para tomá-la em seus braços, esta, por três vezes, evapora como fumaça. Odisseus percebe que os fantasmas dos mortos, mesmo aqueles dos mais virtuosos heróis, são imagens vazias que passam por ele sem vê-lo, sem saber o que são, nada mais do que sombras inconscientes que se esfumam nas trevas sem possibilidade de redenção ou renascimento.

Completando a reflexão acima, Brandão (1991) destaca a importância dos ritos funerários na escatologia dos poemas de Homero. A alma, quando desce ao Hades, fica seriamente prejudicada em suas faculdades de inteligência, memória e fala. Contudo, se os familiares vivos executam cultos e sacrifícios em honra dessa alma, ela pode momentaneamente recuperar essas faculdades. Ou seja, a consciência da *psychê* permanece em latência e vem a ser “acordada” quando os vivos realizam o culto aos mortos. Então, durante um breve tempo, a alma pode até manter um diálogo com os que ainda vivem – como demonstrado no canto XI da *Odisseia*. Daí a importância, para

os gregos da época arcaica, da continuidade dos ritos funerários em honra do falecido mesmo tendo passado um tempo após a sua morte. Pois como não existe nada no além, o que se espera dos vivos é que eles, pelo menos, não deixem de se lembrar dos seus mortos.

De acordo com Fernandes (2012), as representações da morte, nos poemas de Homero, não possuem o significado de uma transformação evolutiva da alma. Uma vez que a *psychê*, no cenário homérico, é destituída de qualidades subjetivas ou pessoais, ela não vai percorrer, após a morte, um destino de redenção ou de punição diferenciado e individual. Devido à falta de autonomia e de consciência da *psychê*, não era cabível na Grécia Arcaica a ideia de um julgamento moral da alma. A ausência de subjetividade da alma se relaciona assim diretamente à ausência de uma escatologia de salvação nos poemas de Homero. Não existe salvação possível para uma alma abúlica e despersonalizada.

Completando esta reflexão, Robert Garland (1985) afirma que a escatologia homérica é desvinculada da necessidade de julgamento moral porque não há um conceito de salvação individual após a morte. Morrer não acarreta uma punição ou em uma bênção para uma alma má ou virtuosa. Morrer é uma consequência natural da vida, e não importa se a pessoa cometeu atos justos ou injustos, pois a conduta da vida humana não será cobrada do outro lado. Todos os mortais, com exceção de alguns poucos casos especiais², estão destinados a serem apenas imagens apagadas que vagarão nas trevas da eternidade.

Com a morte, cessa qualquer tipo de retribuição. Não há nenhuma prestação de contas do outro lado do túmulo. O bom e o mau igualmente vão viver uma existência apagada. (GARLAND, 1985, p.60)

O canto XXIII da *Ilíada* descreve outra significativa representação da morte. Este canto relata como a alma de Pátroclo aparece em um sonho para Aquiles adormecido para cobrar do amigo o seu culto funerário, que até aquele momento não havia ainda sido realizado. A imagem de Pátroclo, ao aparecer para Aquiles, em tudo era igual à forma do herói quando vivo, desde os olhos, a altura, a voz, e até mesmo as roupas que vestia no corpo no momento de sua morte. Aquiles, cheio de saudades, tenta abraçar o fantasma do amigo; mas este não pode ser abraçado pois lhe falta substância.

² Ver Brandão (1991) e Fernandes (2012).

A alma de Pátroclo, semelhante à alma de Anticléia, não tem consistência, é como fumaça, e se desfaz quando tocada, tal como uma miragem.

Sepulta-me, de pronto, para que eu penetre, enfim, as portas do Hades. A âni-ma-psiquê e a sombra dos defuntos exaustos repelem-me, impedem-me que, além-rio, com elas misture-me; rondo errante os portais amplos. Dá-me a mão, peço-te, chorando. Não mais do Hades virei, quando me honres com meu quinhão de fogo; não mais, como em vida, sentaremos à parte dos demais, trocando conselhos num concílio a dois. A Quere odiosa me engoliu, meu inato fado. (HOMERO, *Ilíada*, XXIII, 71-80).

O episódio do canto XXIII da *Ilíada* é um ótimo testemunho dos aspectos da escatologia homérica que destacamos acima: a ausência da ideia de salvação no além, a falta de consciência da alma e a importância das honras fúnebres. O fantasma de Pátroclo implora a Aquiles que seu corpo seja sepultado rapidamente, pois a alma não tem força, nem discernimento, nem vontade própria suficiente para cruzar a margem do rio dos mortos. Pátroclo revela que sua alma “ronda errante” diante dos portões do Hades, ou seja, ela está perdida, inerte, presa em círculos, sem o controle de suas ações. A *psychê* do herói não possui consciência suficiente para encontrar o caminho do reino dos mortos sozinha. A alma é destituída de vontade e lucidez.

Pátroclo também afirma que não poderia nunca mais voltar do Hades quando fosse sepultado. Com melancolia ele se refere à morte como uma “Quere odiosa”, e sua fala deixa entrever uma sensação de aniquilamento e desesperança. A citação revela nas entrelinhas que o fantasma de Pátroclo vai se tornar inconsciente e impessoal quando chegar ao Hades e se juntar ao grupo anônimo das outras almas. Submersa em um abismo coletivo e despersonalizado, a sua alma jamais vai retornar à vida ou percorrer um destino de salvação. Resta a Pátroclo receber de Aquiles os ritos funerários, que vão ao menos fixar a memória de seu nome e lhe conferir a honra merecida dos heróis mortos em batalha.

No canto XXIV da *Odisseia* podemos encontrar outro exemplo da inconsciência e da indiferenciação da *psychê* quando desce para o Hades. As almas dos pretendentes assassinados por Odisseus precisam do deus Hermes para conduzi-las pelos caminhos das sombras, pois elas perderam toda memória e individualidade. Elas não apenas são incapazes de encontrar sozinhas o caminho do Hades, como também não têm a menor ideia de quem são, ou do que está acontecendo com elas. As almas se comportam de forma primitiva, como morcegos cegos e perdidos dentro de uma caverna:

Hermes Cilênio convocou os espectros de heróis, os pretendentes. Empunhava o belo bastão de ouro que enfeitiça os olhos dos homens e desperta os adormecidos a seu talante. O bastão move a tropa. Os espectros marcham rechinantes. Pareciam morcegos que pendem em penca nas cavidades sagradas de uma gruta; se um se desprende despencam da rocha os demais, esvoaçantes chamam. Chiante assim segue a revoada dos espectros o comando do benfeitor por tétricos caminhos. Além da corrente do Oceano e da Rocha de Leucas, passam pelas portas de Hélio e da cidade dos Sonhos. Rumam, sem tardar, às campinas dos asfódelos, morada das sombras, os espectros dos que dormem. (HOMERO, *Odisseia*, XXIV 1-14)

Esta passagem demonstra como as almas se encontram inconscientes no Hades. Quando se libertam do corpo e da inteligência dos vivos, as almas retornam à uma condição irracional e animalesca. A imagem dos morcegos nos faz pensar que a *psychê* se torna uma sombra indefinida ao voar cegamente nas cavernas do além. O episódio aponta também para o caráter impessoal e coletivo das almas: elas se confundem e se chocam umas com as outras enquanto guincham como morcegos. Cabe ao deus Hermes cumprir a sua função de psicopompo, de condutor de almas, para levá-las pelo caminho certo. Hermes, o deus pastor, guia as almas inconscientes e cegas para que encontrem o rumo, tal qual um pastor guia suas ovelhas perdidas de volta para o abrigo sem que se percam. No fim da citação o poeta, ao demarcar o território tenebroso por onde as almas passam, se refere a “tétricos caminhos”, “cidade dos Sonhos”, “morada das sombras”. As referências testemunham tanto a essência vazia e inerte da *psychê*, aparentada aos sonhos e às sombras, como o horror sem redenção da jornada pela morte. A passagem termina apresentando as almas como “os espectros dos que dormem”, ou seja, o mundo dos mortos nada mais é do que um espaço de trevas e de sono eterno.

A partir das reflexões e exemplos acima expostos supomos ter esclarecido que as representações da morte nos poemas de Homero revelam, de forma geral, uma escatologia sem salvação ou punição, e apresentam as almas como fantasmas inconscientes e despersonalizados. De acordo com Brandão (2002), para compensar parcialmente esta visão pessimista sobre a morte e superar o medo de um fim de total esquecimento, os gregos da época homérica buscavam alcançar a eternidade simbólica através da glória imortal. Assim, os grandes heróis dos poemas de Homero se dedicam a realizar feitos excepcionais para, após a morte, serem louvados e lembrados em sua honra e excelência pelos tempos vindouros.

Os gregos homéricos, sabedores de que o além que se lhes propunha eram as trevas e o nada, fizeram desta vida miserável a sua vida, buscando prolongá-la através da glória. (BRANDÃO, 1991, p. 366).

Como nos poemas de Homero não existe ideia de salvação da alma, resta ao homem apenas a obtenção da glória eterna fixada pela “bela morte”³, isto é, a morte honrosa do herói em campo de batalha. O jovem guerreiro que morre na flor da juventude realizando uma façanha maravilhosa terá seus feitos cantados pelos *aedos* e seu nome lembrado na memória coletiva. Pois o objetivo da vida de um guerreiro aristocrata nos poemas de Homero é o reconhecimento público de seu nome na vida e após a morte. O guerreiro pode até desejar a morte, pois ela vai lhe garantir uma chance de “vida eterna” por outros meios. Os feitos gloriosos do herói emolduram a memória eterna de seu nome através da poesia épica e do memorial fúnebre. O ideal homérico da “bela morte” vem, portanto, acompanhado do sentido de uma imortalidade simbólica e de conclusão gloriosa do ciclo vital para um guerreiro de família aristocrática. A alma do nobre herói não pode ser redimida da morte, mas a sua honra e a sua glória podem ser resgatadas e fixadas para a eternidade. No contexto dos poemas de Homero não há então a necessidade de uma escatologia de salvação da alma, já que não existe um “eu” individual para ser salvo, e sim um nome público e familiar para ser lembrado.

O canto XVI da *Ilíada* nos oferece um bom exemplo da “bela morte” com seu significado de fixação da honra heróica *post-mortem*. O episódio relata que Zeus está secretamente cogitando em mudar o destino de seu filho Sarpédon, prestes a morrer em campo de batalha nas mãos de Pátroclo. O pai dos deuses e dos homens está pensando em salvar a vida de seu filho contrariando a Moira, o destino cego. No entanto, a deusa Hera interfere no processo e veta a intensão do marido. Ela lembra a Zeus que os deuses não devem afastar dos heróis os seus fados, pois a Moira é fixada para o homem desde o seu nascimento. A deusa Hera assim aconselha Zeus a retirar o corpo de Sarpédon das mãos de Pátroclo e a levá-lo de volta para a família na Lícia, onde seriam realizados com todas as honras os seus ritos funerários (HOMERO, *Ilíada*, XVI, 433-457)

Este episódio da *Ilíada* deixa claro que não existe uma promessa de salvação ou de recompensa *post-mortem* mesmo para um herói virtuoso e justo como Sarpédon. A morte não oferece a possibilidade de o homem

³ O conceito de “bela morte” já foi bastante discutido no campo dos estudos clássicos, principalmente por Vernant em seu texto *A bela morte e o cadáver ultrajado* (1979).

recolher recompensas por ter vivido de forma honrada e corajosa. O poema de Homero revela que o melhor que pode ocorrer a um herói é morrer gloriosamente lutando com um adversário digno e ter suas honras fúnebres realizadas por aqueles que o amam e que sofrem a sua perda.

As reflexões acima nos levam a concluir que, no contexto cultural do período arcaico, seguindo o testemunho dos poemas de Homero, não existe uma referência bem desenvolvida à idéia de salvação individual da alma humana no além. Esta visão escatológica estaria relacionada à própria concepção sobre o homem nas tradições gregas mais antigas. Antes do séc. VI a.C., o homem é compreendido como um prisioneiro do destino e da vontade dos deuses, sendo muito pequena a amplitude de seu livre arbítrio. Não possuindo uma significativa autonomia sobre o seu destino, e não sendo o totalmente responsável por suas ações na vida, o homem não vê sentido em ser punido ou premiado no Hades.

A partir das mudanças que ocorrem no cenário cultural grego na virada da época arcaica para o período clássico, o imaginário da morte começa a se modificar. Na democracia do séc. V a.C. a visão grega de mundo desloca o eixo de existência dos deuses para o homem, e do *genos* aristocrático para o cidadão na *pólis*. No quadro político e social da cidade, o cidadão se torna individualmente mais responsável pelas suas ações, e deve responder por elas nas discussões das assembleias, nos debates da *ágora* e nas sessões dos tribunais. É neste contexto que surgem, a partir do fim do séc. VI a.C., algumas crenças alternativas oferecendo visões escatológicas diferentes daquelas veiculadas pela tradição homérica.

A ESCATOLOGIA ÓRFICA

Através da emergência do pensamento jurídico e político positivo, típico da democracia da *pólis*, surge um novo modelo de escatologia que compreende tanto a vida humana como a alma *post-mortem* como dotadas de nova responsabilidade social e existencial. Segundo Dodds (2002), as doutrinas de salvação da alma nos séc. VI e V a.C. se modificam na medida em que se desenvolvem as instituições democráticas, que teriam proporcionado a parcial emancipação do indivíduo em relação ao clã familiar. No quadro social da *pólis*, teria ocorrido o afrouxamento dos laços familiares a partir da reivindicação crescente do cidadão em busca de direitos mais pessoais e de responsabilidades mais pessoais. Para Dodds, o aparelho jurídico surge no séc. VI a.C. para confirmar esta nova noção de responsabilidade individual

necessária ao estabelecimento do quadro social e político da cidade. É a partir deste momento que o imaginário grego também cria a ideia da existência de um tribunal no reino dos mortos para que as almas fossem julgadas de acordo com os atos realizados em vida:

Quando a lei humana reconhece que o homem é o único responsável por seus próprios atos, as leis divinas, mais cedo ou mais tarde, seguem o mesmo exemplo. (DODDS, 2002, p. 46)

Neste contexto cultural surgem seitas marginais que, à revelia da religião olímpica oficial, tentavam atender à nova demanda popular de salvação da *psychê* depois da morte. Entre estas seitas figura o Orfismo como uma das mais influentes no pensamento grego a partir do século V a.C. A seita órfica contribui para fixar, na Grécia Antiga, a crença, já elaborada anteriormente por alguns filósofos pré-socráticos, na reencarnação da alma⁴. Para os órficos, a alma é divina e imortal. Quando o homem morre, a *psychê* se liberta do corpo e desce ao Hades por um breve tempo. Em seguida a alma vai ser julgada, recebendo punições ou premiações. Depois a *psychê* vai passar por uma série de reencarnações até a sua glorificação final nos Campos Elísios, ou nos Campos dos Abençoados, ou nos Bosques de Perséfone.⁵

Segundo Dodds (2002), o Orfismo vem inaugurar, no pensamento ocidental, a ideia da dissociação entre corpo e alma. Para os órficos, o corpo é a prisão da alma. Portanto, é na morte que esta se liberta para reencarnar sucessivas vezes e, por fim, reencontrar a sua faísca divina. Através de várias reencarnações a *psychê* pode se purificar de seus erros passados e alcançar a imortalidade. Para tanto, o homem deve ser iniciado no Orfismo durante a sua vida e seguir os seus preceitos: evitar cometer atos injustos e crimes de sangue, praticar a ascese do corpo e da alma, não comer carne. Os membros do Orfismo se organizavam em comunidades secretas para aprender doutrinas escatológicas e celebrar ritos purificatórios:

⁴ A ideia de reencarnação não é exclusiva do Orfismo. É possível que a seita de Orfeu tenha sofrido grande influência da filosofia pitagórica que lhe é anterior, pois ambas apresentam muitas semelhanças. Para um aprofundamento do tema, recomendamos a leitura de Dodds (2002) e Kirk, G.S & Raven, J.E. (1994).

⁵ Os nomes destes locais *post-mortem* para onde a alma vai após a sua libertação final varia muito segundo as diferentes versões dos diversos autores. Para uma discussão mais detalhada a respeito desta variedade de nomes, recomendamos a leitura de Brandão (2002; 1991) e de Jane Harrison (1991).

Há três ideias fundamentais ensinadas por eles, a saber: que o corpo é a prisão da alma; que o vegetarianismo é uma regra essencial de vida; que as consequências desagradáveis do pecado, neste e no mundo do além, podem ser eliminadas por meio de rituais (DODDS, 2002, p.152)

Segundo Brandão (1991), é através do Orfismo que surgem na Grécia as primeiras noções de culpa individual. No Orfismo, o homem se torna livre das amarras de seu *genos* e não se vê mais condenado a repetir o padrão dos crimes familiares. A culpa pelos crimes humanos é sempre de responsabilidade individual. Portanto, o homem será julgado por seus erros e virtudes quando sua *psychê* adentrar no Hades. A alma será punida ou premiada de acordo com o que fez em vida. A alma pode se redimir de sua culpa ainda em vida, seguindo os ensinamentos de salvação ensinados pelo Orfismo, ou pagar por ela no além e em outras reencarnações, até quitar as suas faltas.

De saída, o orfismo tentou romper com um princípio básico da religião estatal, a secular maldição familiar, segundo a qual cada membro do *genos* é co-responsável e herdeiro das *hamartiai*, das faltas cometidas por qualquer um de seus membros ou antepassados. Os órficos solucionaram o problema de modo original: a culpa é sempre de responsabilidade individual, e por ela se paga aqui (esta foi a primeira vez que a ideia surgiu na Grécia); quem não conseguir purgar-se nesta vida, pagará por suas faltas no além e nas outras reencarnações, até a catarse final. (BRANDÃO, 1991, p. 214).

O Orfismo recebeu esse nome porque ele supostamente teria se originado do herói mítico Orfeu. Os Livros X e XI das *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio (43 a.C.- 17 d.C.), constituem um dos testemunhos literários mais completos sobre o mito de Orfeu, pois as fontes gregas mais antigas que relatam a lenda são fragmentárias. Orfeu é uma figura lendária, possivelmente de origem trácia. O herói ficou conhecido pela sua habilidade como poeta e músico. Sua maestria era tanta que, quando ele cantava e tocava a cítara, era capaz de amansar animais selvagens e fazer com que as árvores se curvassem em sua direção. Casou-se com a ninfa Eurídice, a quem amava profundamente. Por este motivo, quando sua esposa foi morta por uma picada de serpente ao fugir do apicultor Aristeu, que tentou violá-la, o cantor não se conformou com a perda da esposa e resolveu descer ao Hades para resgatá-la. Sua habilidade com a cítara e a beleza de sua voz foram capazes de conquistar o mundo ctônico, incluindo os deuses da morte, Hades e Perséfone. Os senhores dos mortos ficaram com pena do esposo sofredor e concordaram em devolver-lhe a sua Eurídice. Contudo, havia uma condição: ele iria na frente e ela o seguiria atrás, mas enquanto estivessem nas trevas do

submundo ele não poderia olhar para trás. Aceitando a difícil imposição, o poeta seguiu, com firmeza e esperança, os caminhos subterrâneos de retorno para a vida com a sua amada atrás dele. No entanto, quando já era possível ver a luz, Orfeu foi possuído por uma dúvida terrível: estaria sua amada o seguindo ou o rei dos mortos o havia enganado? Sucumbindo à curiosidade e ao desejo de ver sua esposa, Orfeu olhou para trás e viu Eurídice esvaindo-se para sempre como uma sombra.

Não estavam longe do rebordo superior da terra. Cheio de amor, com medo de que Eurídice desfaleça e ansioso por vê-la, Orfeu volta o olhar. Logo ela cai de novo. De braços estendidos, lutando por que a agarrem e por ela se agarrar, a infeliz apenas agarra a inconsistência do ar. Ao morrer de novo, do marido não tem queixa alguma (de que haveria ela de se queixar senão de ser amada?), diz-lhe o último adeus, que mal lhe chega aos ouvidos, e retorna ao lugar de onde partira. (OVÍDIO, *Metamorfoses*, X, 55-63)

Orfeu realizou a sua descida ao mundo dos mortos e esteve perto de ter seu amor de volta, mas ele olhou para trás e a perdeu para sempre. Inconsolável, o herói trágico retorna à superfície e se torna um místico solitário e melancólico. Orfeu fundou um culto secreto em que ensinava os seus seguidores o conhecimento que aprendeu em sua passagem pelos reinos dos mortos. Inconformado com a perda definitiva da esposa devido a um erro seu, Orfeu ensinava que os homens podem evitar os erros para poder retornar da morte para a vida.

Segundo Brandão (2002) o Orfismo, inspirado no mito, ensinava que, na morte, o homem descia ao submundo para recuperar a sua alma capturada. Pois no Orfismo, como demonstra o mito, existe a possibilidade de uma alma voltar do mundo dos mortos para recomeçar uma nova vida. Orfeu amou tanto Eurídice que não aceitou a sua partida, prendeu-se ao passado e apegou-se à matéria, simbolizada por sua amada. Os órficos aprenderam com Orfeu a jamais olharem para trás, a desapegarem-se totalmente do passado e do concreto, e alcançarem assim a salvação total de suas almas. Para os órficos, “olhar para trás” é se apegar às vidas passadas, é não aceitar a morte. Um órfico deve aceitar e celebrar a morte, pois esta é uma libertação da alma divina e imortal.

O relato de Ovídio fala de um homem que, ainda mantendo a alma em seu corpo, foi capaz de adentrar as trevas da morte com a sua consciência intacta e retornar com conhecimentos secretos para reiniciar uma nova vida. Desta forma, a narrativa expressa simbolicamente que a alma, quando desce

para o Hades, pode conservar a consciência, o discernimento e a vontade. Além disso a alma, assim como Orfeu, quando retorna da morte pode se lembrar de tudo o que passou enquanto estava no subterrâneo.

A *psychê* vai percorrer uma jornada individual e consciente pelo reino das trevas, e esta jornada vai possuir o sentido de um aprendizado e de uma evolução. Desta forma a morte não se define como um vazio ou fim inexorável, mas como uma possibilidade de salvação do ser humano após um percurso evolutivo. O mito de Orfeu revela também que, através de ensinamentos secretos e de rituais, é possível ao homem vivo ter uma visão da morte e, a partir de então, se preparar melhor para ela e para o que vem depois. Cabe àquele que já experimentou a morte preparar outros homens para vencer a morte e ensiná-los a salvar as suas almas.

Segundo Detienne (1991), o Orfismo teria surgido na Grécia a partir de uma certa insatisfação do povo em relação ao caráter pouco místico e frívolo dos deuses tradicionais do Olimpo. O homem grego, a partir do séc. VI a.C., parece ter buscado, no plano religioso, algo além do que a religião oficial oferecia, principalmente no que concerne às crenças escatológicas. Esta necessidade o Orfismo veio atender perfeitamente, oferecendo um guia de práticas e crenças que garantia ao homem o renascimento da *psychê* no além. De acordo com Detienne, é através desta busca de salvação que os órficos rompem com a religião oficial e com todo o resto do mundo. Pois quando um homem busca algo tão difícil e inédito como a reencarnação, então ele deve ser diferente, deve buscar aquilo que outros não buscam, deve agir como outros não agem. Ele deve recusar o que era certo até o momento para que, de algum modo, ele possa alcançar o que outros homens não alcançaram: a imortalidade da alma.

Os órficos eram renunciantes. Exercitavam-se para a santidade, cultivavam técnicas de purificação a fim de separar-se dos outros, daqueles que são susceptíveis aos assassinios e à mácula. Retornando à idade de ouro, ao tempo dos começos, o gênero de vida órfico se queria proibido e absolvido do sangue derramado nos altares, recusa radical do alimento encarnado em conjunto, e inseparavelmente, dos valores da cidade, de seu sistema religioso com divindades distintas, com deuses diferenciados, com a separação necessária entre os deuses e a espécie humana. Recusa sem concessões e que se declarava sem rodeios pela condenação da refeição sangrenta e do laço social que instituíam na cidade o sacrifício de uma vítima animal no altar e a comensalidade subsequente num banquete de carnes. (DETIENNE, 1991, p. 94-95)

De acordo com Detienne, os órficos buscavam a santidade a partir da renúncia aos sacrifícios, ao derramamento de sangue e ao consumo de carne. Para um órfico, a alma pode reencarnar em um animal, assinalando a igualdade anímica entre todas as criaturas. Portanto, os órficos não podiam comer carne nem realizar sacrifícios, porque isto constituiria um crime hediondo contra a alma humana encarnada nos animais. Além disso, os órficos rejeitavam as paixões humanas, depreciavam o corpo e as sensações corporais. Tudo o que produz a violência das paixões, ou tudo o que produz prazer ao corpo e aos sentidos, deve ser evitado. Portanto os órficos adotavam uma noção de pureza assimilada a uma conduta de vida absolutamente sóbria e plácida, sem excessos e emoções violentas, a começar pela alimentação, que deve ser vegetariana e frugal. A ruptura para com a religião olímpica não podia ser mais radical, já que esta era baseada nos sacrifícios animais e na celebração do corpo, dos sentidos e da vida.

Para Detienne, a oposição ao culto tradicional também se assentava na modificação de todo o sistema religioso realizada pelo Orfismo. A religião oficial grega contava com um grande arsenal de divindades, enquanto os órficos pareciam se aproximar de um ideal monoteísta. Ainda possuíam alguns deuses da religião olímpica- possivelmente para não serem totalmente rejeitados pela comunidade de cidadãos; mas o número de divindades era bem menor. Ao reinventarem os deuses da tradição, os órficos misturavam as suas características originais. Os nomes dos deuses podiam ser diferentes, mas na essência todos eles eram um só. Desta forma, por exemplo, Apolo e Dioniso se misturaram e se confundiram no Orfismo, tornando-se quase que uma só divindade, apesar de na tradição serem completamente diferentes.

Detienne vêm lembrar um aspecto importante das doutrinas órficas: a necessidade de ritos purificatórios. Segundo o Orfismo, a redenção final da alma nos Campos Elíseos ou em outro local paradisíaco só podia ser alcançada se ela fosse purificada de todas as suas máculas. O órfico acredita que, mesmo quando o corpo morre e a *psychê* se torna livre, ela ainda não está pura o suficiente para a salvação. A alma carrega em si as manchas de todas as misérias, crimes e erros realizados em vidas passadas. Todavia, não é necessário esperar a morte e as sucessivas reencarnações para que a alma possa se purificar. A catarse pode ser realizada ainda em vida, seja através da própria dor da existência terrena, seja através de purificações vivenciadas nas iniciações órficas. Um homem iniciado no Orfismo pode adquirir um estado de elevação espiritual e pureza suficientes para abreviar o seu ciclo de reencarnações. Estas iniciações estariam relacionadas principalmente à renúncia às

paixões e à satisfação dos sentidos, à ascese e à restrição alimentar. Segundo o mito de Orfeu nas *Metamorfoses*, o próprio músico passou por alguns atos purificatórios após sair do Hades, como, por exemplo, o jejum e a castidade:

Sujo, privado dos dons de Ceres, ficou sete dias sentado na margem. Foi seu alimento o amor, a dor da alma e as lágrimas. (...) e Orfeu recusava toda a relação amorosa com as mulheres, seja porque lhe havia corrido mal, seja porque tinha comprometido a sua palavra. (OVÍDIO, *Metamorfoses*, X, 73-74; 79-81).

Segundo Brandão (2002), se nos poemas de Homero o Hades é um imenso abismo de trevas onde, após a morte, as almas são lançadas sem prêmio nem castigo para todo o sempre, o Orfismo vai criar uma nova topografia com locais distintos para prêmios e punições no reino dos mortos. Os órficos vão reestruturar tudo quanto diz respeito ao destino último das almas. A partir do Orfismo, o mundo dos mortos será dividido em três espaços: o Tártaro, o Érebo e os Campos Elísios e variantes. Esta divisão de níveis do Hades se relaciona aos diferentes espaços que a *psychê* vai ocupar no além segundo suas faltas e virtudes. Além disso, esta divisão apresenta o sentido de uma evolução. O Orfismo vai compreender a morte como um rito de passagem, um processo de transformação da alma até a sua divinização final.

Brandão afirma que, logo após a morte, as almas descem para um local não definido no Hades para serem julgadas e condenadas de acordo com seus atos em vida. As almas dos grandes criminosos iriam ser punidas com castigos terríveis no Tártaro, com chance, todavia, de uma futura libertação. Aqueles que viveram uma vida normal, com ações justas e injustas, receberiam castigos um pouco mais amenos no Érebo, esperando serem purificados para poderem reencarnar. Já os Campos Elísios eram reservados para aquelas almas virtuosas e justas, que já tivessem se purificado completamente de suas máculas. Em todos os casos a alma, após sofrer as punições e purificações necessárias, vai reencarnar sucessivas vezes até a sua libertação final, quando ela se dirige para a felicidade eterna nos Campos Elíseos.

A narrativa de Ovídio apresenta um exemplo da nova topografia do Hades e desta nova visão que compreende a morte como uma evolução. O Livro XI das *Metamorfoses* conta como Orfeu, depois de sua morte e agora como uma alma verdadeira, vai para o Hades novamente e se encontra finalmente com a sua Eurídice. Os dois amantes, redimidos pela morte, podem ficar juntos e felizes para sempre. O herói, depois de tudo o que ele sofreu, se tornou uma *psychê* espiritualmente elevada. Ao morrer, ele não apenas pode

encontrar o Campo dos Abençoados, como também pode resgatar a alma perdida de Eurídice e se unir a ela pela eternidade.

A sombra de Orfeu desce às entranhas da terra e reconhece todos os lugares que antes vira. Ao procurá-la na morada dos justos, encontra Eurídice, a quem, com paixão, abraça. Passeiam juntos ali, ora lado a lado, ora Orfeu segue Eurídice, que vai à frente, ora a antecede, à frente indo ele, que em segurança se volta para a contemplar. (OVIDIO, *Metamorfoses*, XI, 61-66).

O relato do Livro XI revela aspectos que nos interessam para demarcar as diferenças entre a escatologia órfica e a escatologia homérica. Em primeiro lugar, Orfeu, quando chega no Campo dos Abençoados, se lembra de tudo o que viu antes quando desceu ao Hades pela primeira vez, e reconhece Eurídice. Esta passagem demonstra que a alma evoluída não perde a sua memória, a sua consciência e a sua vontade no além. Em segundo lugar, Orfeu encontra Eurídice na “morada dos justos”, ou seja, o subterrâneo já não se define como um espaço de trevas e almas despersonalizadas. Agora existe no mundo dos mortos um local diferenciado e mais aprazível para os justos, onde o herói e sua amada, conservando a consciência e a individualidade, podem se abraçar. Em terceiro lugar, a citação destaca que o casal se reencontra para a plena realização de seu amor impossível em vida. Desta forma a morte permite o acesso à plenitude e à felicidade, em oposição à vida, que é apenas sofrimento. Em último lugar, vemos que as almas de Orfeu e Eurídice, na morte, se elevam para um nível superior de existência. O livro XI das *Metamorfoses* testemunha a concepção órfica que define a morte como uma libertação de todo sofrimento e como um destino de salvação individual da alma. Estamos longe das representações homéricas da alma, compreendida como uma imagem fugaz e despersonalizada, aprisionada nas trevas sem consciência e sem memória.

Segundo Harrison (1991), um testemunho precioso da escatologia órfica também pode ser encontrado nas chamadas “lamelas órficas”. Estas lamelas são pequenas lâminas de ouro enroladas dentro de medalhas de ouro que foram penduradas no pescoço de alguns cadáveres. As lamelas foram encontradas, a partir de 1879, em escavações de cemitérios no sul da Itália, em Creta e em Roma. Elas apresentam, em seus textos fragmentários, fórmulas mágicas e uma espécie de roteiro que serviriam para guiar as almas no Hades e ajudá-las a conseguir “abreviar” o ciclo de reencarnações. Vamos

aqui apresentar brevemente dois destes documentos para ilustrar as nossas reflexões: a Lamela de Petélia e a Lamela de Campagno⁶.

Sejas bem-vindo, tu, que caminhas pela estrada da direita, em direção às campinas sagradas e aos Bosques de Perséfone. À esquerda da mansão de Hades encontrarás uma fonte, e ao lado dela um cipreste branco. Não te aproximes dela. É o Létes! Vai para diante, em caminho íngreme e difícil, sempre para a direita. Encontrarás outra fonte cuja água jorra fresca, este é a água da vida, é a fonte da memória. Lá existem vigias que não te deixarão beber. Dize as palavras mágicas: 'sou filho de Gaia e de Urano estrelado, bem o sabes. Estou, todavia, sedento, e sinto que vou morrer. Dá-me, rapidamente, da água fresca que jorra da fonte da memória para que eu possa viver'. (Lamela de *Petélia*, *apud* Jane Harrison, 1991, p. 573).

Esta preciosa lamela, apesar de seu texto obscuro e cifrado, deixa claro que, para os órficos, a caminhada pelas trevas da morte é dolorosa e difícil. Porém, se a alma for virtuosa e seguir os conhecimentos aprendidos na iniciação órfica, ela vai ser capaz de obter a salvação. A inscrição demonstra que o caminho percorrido pelas almas no Hades não é único, pois ele se bifurca perigosamente entre a trilha da direita e a da esquerda. O caminho da esquerda leva à fonte do Létes, o rio do esquecimento. O iniciado do Orfismo era instruído a evitar beber do rio Létes, cujas águas o fariam esquecer de suas vidas passadas e dos conhecimentos adquiridos nas iniciações. Além disso, o rio Létes expressa simbolicamente o próprio horror da morte compreendida como esquecimento e aniquilamento, e é exatamente deste horror que um órfico pode escapar. Em contrapartida, a alma deveria beber das águas do rio da Memória para que pudesse manter as lembranças dos erros e acertos de suas vidas passadas e dos ensinamentos órficos. A lamela revela que beber da fonte da memória não era fácil, pois normalmente as almas bebiam do Létes e eram tragadas pelo ciclo cruel de reencarnações. Por isso, a lamela ensina como a alma pode convencer os guardas a deixá-la beber da fonte da vida e da memória.

O texto de Petélia também revela que as almas escolherão seus caminhos de acordo com o seu nível de evolução. A alma que seguir pela direita receberá as recompensas de sua vida justa nos Bosques de Perséfone. A *psychê* era orientada para o caminho da direita de modo a “abreviar” o ciclo de reencarnações e alcançar diretamente a imortalidade. A lamela ajudará

⁶ Para um estudo mais aprofundado das lamelas órficas e seu conteúdo, remetemos o leitor aos livros de Junito Brandão (2002) e Jane Harrison (1991).

a alma evoluída a vencer a própria morte e o seu pavor, sendo capaz de persuadir os vigias a deixá-la beber da água da vida. A frase “estou, todavia, sedento, e sinto que vou morrer”, seguida da frase “para que eu possa viver”, descreve bem a mais importante mensagem órfica: a morte não é o fim, pelo contrário, é através dela que a alma sábia “pode viver” para sempre. A *psychê*, quando desce para as trevas, está desesperada e “sedenta” de vida; ela corre o risco de ser devorada pela morte sem salvação. Mas a alma do homem justo que carrega a lamela tem a chance de vencer a morte e viver eternamente junto aos imortais.

Dos puros eu vim, oh Rainha Pura dos Puros que estão embaixo (...). Porque eu também – eu posso me gabar disso – participo de sua raça abençoada. Eu já paguei as penalidades para as ações injustas (...) pois o destino me fez ficar embaixo, com relâmpagos fulgentes. Mas agora eu venho como suplicante diante da santa Perséfone para que, com sua graça, ela me receba nos tronos dos coroados. (Lamela de Campagno (*a*), *apud* Jane Harrison, 1991, p. 585).

A lamela de Campagno testemunha três ideias fundamentais do Orfismo: a crença de que a alma humana participa da essência dos deuses; a crença de que algumas almas menos evoluídas devem pagar penas antes de sua ascensão final; e a crença de que, no fim do seu ciclo, a alma finalmente será aceita entre os deuses, mesmo que ela tenha sido injusta em algumas vidas. A alma descrita na Lamela de Campagno realizou ações injustas e, por isso, o seu destino é o sofrimento temporário. Embora seja de origem divina, esta alma se “manchou” de impurezas durante a vida e precisou se purificar através dos castigos na morte. O texto revela que a alma de um órfico, mesmo tendo um dia sido impura, tem chances de salvação. Assim, após passar por terríveis punições, a *psychê* de um homem comum vai poder, enfim, se identificar com a raça dos abençoados. Interessante perceber como a lamela instrui a alma para que fale a verdade, confesse seus erros e diga que pagou as penalidades por suas ações, mas que agora está pura, e precisa suplicar por seu lugar ao lado dos outros seres puros.

As reflexões acima demonstram que as representações da morte na escatologia órfica apresentam uma concepção de alma totalmente oposta às concepções de morte nos poemas de Homero. No cenário homérico, a alma se define como uma imagem vazia, sem consciência, sem memória e sem individualidade, que é aprisionada no Hades para sempre sem possibilidade de redenção. Na escatologia órfica, a alma mantém sua consciência e sua

memória, consegue se lembrar de todas as vidas passadas, consegue compreender o que está acontecendo com ela, consegue encontrar o caminho certo pelas trevas da morte. A *psychê* se torna especial e única, capaz de resgatar a si mesma do aniquilamento através de uma roteiro individual de evolução. Nas crenças órficas a morte representa uma jornada de redenção de uma alma lúcida e responsável, que alcançará a vida eterna como prêmio pelas ações virtuosas praticadas em vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas neste artigo é lícito cogitar que o imaginário da morte, nos diversos povos, estaria relacionado a processos históricos e culturais de forma mais profunda do que estamos acostumados a pensar. A diversidade cultural criaria múltiplas possibilidades de compreensão do homem diante da vida e diante da morte. Diferentes escatologias expressam distintas formas de se compreender o homem no mundo e no além. Na Grécia Antiga, as representações que definem o roteiro da alma após a morte vão sofrendo diferenciações na medida em que as mudanças culturais vão ocorrendo como resultado do processo de desenvolvimento da *polis*.

No período mais arcaico da cultura grega, na sociedade guerreira e aristocrática representada nos poemas homéricos, a categoria de indivíduo parece não estar plenamente desenvolvida para que o homem pudesse ser compreendido como uma pessoa diferenciada de seu clã familiar e detentora de livre arbítrio. Neste contexto cultural, as representações da morte e da alma serão desprovidas de um sentido mais individualizado de salvação ou de punição. Por outro lado, na Grécia Clássica, no cenário da *polis* democrática, o homem se distancia um pouco dos padrões de seu clã e assume gradativamente uma responsabilidade política e social cada vez mais individualizada diante da comunidade cívica. Neste contexto, o imaginário da morte vai adquirir um foco também mais individualizado, e a alma, dotada de maior arbítrio, vai vivenciar no além um percurso consciente e responsável de evolução e salvação.

[Recebido em setembro/2018; Aprovado em fevereiro/2019]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2002.
_____. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
DETIENNE, Marcel. *A Escrita de Orfeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
DODDS, E.R. *Os Gregos e o Irracional*. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

- FERNANDES, Isabela & EYLER, Flávia. *A Vida, a Morte e as Paixões no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Editora Cassará, 2012.
- GARLAND, Robert. *The Greek Way of Death*. New York: Cornell University Press, 1985.
- HARRISON, J.E. *Prolegomena to the Study of Greek Religion*. Princeton University Press, 1991.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Arx, 2002.
- _____. *Odisseia*. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- KIRK, G.S & RAVEN, J.E. *Os Filósofos Pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- OVIDIO. *Metamorphoses*. Tradução e organização de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VERNANT, J. P. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*, nº 9, 1979, 31-62.